

Mais uma safra de incertezas

*Maria Helena Antunes de Sampaio**

O ano agrícola 1999/00 iniciou enfrentando problemas diversos, tais como: climáticos; expectativa de preços compensatórios, ou não, no momento da comercialização da safra tanto para os produtos de consumo interno como também das *commodities*; e elevação dos custos de produção, resultado da desvalorização cambial de janeiro de 1999. Para os produtos direcionados ao mercado interno, a desvalorização da moeda nacional em relação ao dólar reflete-se na elevação dos preços dos insumos, enquanto, para aqueles voltados para o mercado externo, a alteração no câmbio também traz consigo a majoração do preço final do produto. Tal situação poderá ser vantajosa, ou não, para os agricultores, dependendo do saldo líquido entre esses dois preços.

Informações do IBGE estimam para o Brasil uma produção de 75,4 milhões de toneladas para as principais lavouras de verão¹, 3,0% inferior à safra 1998/99, enquanto, para o Rio Grande do Sul, as previsões indicam um crescimento de 1,4% na produção dos principais grãos, o que eleva a mesma para 13,6 milhões de toneladas. Cabe observar que o comportamento das culturas aqui analisadas se deu de maneira diferenciada no Brasil e no Rio Grande do Sul. Essa redução na produção de alguns produtos tanto em nível nacional como regional reflete o clima de incerteza que rondava os agricultores no momento da tomada de decisão de quanto plantar. Via de regra, o agricultor, ao reduzir a área a ser plantada, demonstra o seu grau de incerteza, não só em relação aos fatores climáticos, mas também àqueles que são definidos por medidas governamentais, tais como crédito e preços de garantia que assegurem o custo da produção com uma certa margem de lucro.

* Economista, Técnica da FEE.

A autora agradece em especial a Vivian Fürstenau, a Maria D. Benetti e a Marinês Z. Grandó pela leitura do texto e sugestões. Agradece, também, a Paulo Roberto Machado pela ajuda na elaboração das tabelas e a Nildo Gallon pelo apoio na obtenção de relatórios, etc.

¹ Arroz, feijão, milho soja e trigo.

Tabela 1

Produção das principais lavouras de grãos no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1999/00

PRINCIPAIS PRODUTOS	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Produção (t)		Variação % (B/A)	Produção (t)		Variação % (B/A)
	1998/99 (A)	1999/00 (B)		1998/99 (A)	1999/00 (B)	
Arroz (em casca)	11 778 807	10 318 272	-12,4	5 630 077	4 874 078	-13,4
Feijão (em grão - total)	2 888 968	2 426 136	-16,0	158 425	146 987	-7,2
Milho (em grão - total)	32 178 277	31 088 584	-3,4	3 211 333	3 839 836	19,6
Soja (em grão)	30 904 233	31 574 324	2,2	4 443 999	4 771 270	7,4
TOTAL	77 750 285	75 407 316	-3,0	13 443 834	13 632 171	1,4

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1999/2000) Rio de Janeiro : IBGE, dez /mar -maio

A seguir, será feita uma análise sucinta do comportamento dos principais grãos cultivados no Rio Grande do Sul, que representam aproximadamente 80% do Valor Bruto da Produção (VBP) da agricultura, e verificar-se-á como se deu a relação entre os preços pagos e os recebidos pelos produtores do setor agrícola.

Arroz

No caso específico do arroz, a queda na produção, no Brasil e no Rio Grande do Sul, foi significativa, 12,4% e 13,4% respectivamente. Como o Estado responde por quase 50% da produção brasileira, a redução na produção gaúcha reflete-se de maneira direta na nacional. No RS, a redução da área colhida ficou em torno de 5,3%, com uma produtividade 8,4% inferior à da safra passada. Mesmo com redução na produtividade, esta ficou próxima da média histórica, em torno de 5,2 kg/ha.

Fazendo-se uma retrospectiva do que veio acontecendo na comercialização do arroz após a safra 1997/98 — quando o preço atingiu valores acima de R\$ 18,00 para a saca de 50kg, em razão da oferta reduzida, em consequência de problemas climáticos —, verifica-se que o preço do produto desceu em queda livre no mercado, frustrando as expectativas do produtor, que, estimulado pela cotação muito acima da média histórica, aumentou em aproximadamente 20% a área para a safra 1998/99, o que redundou em uma produção 56,6% superior à da safra do ano anterior. Em consequência, a comercialização dessa

safr a transcorreu de maneira atípica; pois, normalmente, no mês de setembro, quando se inicia a entressafra no mercado brasileiro, é quando ocorrem as cotações mais altas do produto, e tal fato não aconteceu. Os preços mantiveram-se em um patamar de aproximadamente R\$ 13,00 mesmo durante o período da entressafra.

Tabela 2

Área das principais lavouras de grãos no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1999/00

PRINCIPAIS PRODUTOS	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Área (ha)		Variação % (B/A)	Área (ha)		Variação % (B/A)
	1998/99 (A)	1999/00 (B)		1998/99 (A)	1999/00 (B)	
Arroz (em casca)	3 810 014	3 298 375	-13,4	989 562	936 912	-5,3
Feijão (em grão - total)	4 178 496	3 284 748	-21,4	197 026	182 339	-7,5
Milho (em grão - total)	11 626 146	10 752 111	-7,5	1 326 085	1 485 287	12,0
Soja (em grão)	13 011 341	13 499 474	3,8	3 045 072	2 998 923	-1,5
TOTAL	32 625 997	30 834 708	-5,5	5 557 745	5 603 461	0,8

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1999/2000). Rio de Janeiro : IBGE, dez./mar.-maio

A alteração no comportamento dos preços no período da entressafra foi consequência da entrada do arroz do Mercosul no País. Como o Brasil, nos últimos anos, tem recorrido ao mercado externo para garantir a oferta nacional desse produto, argentinos e uruguaios intensificaram sua produção, visando ao mercado brasileiro. Com a desvalorização cambial realizada pelo Governo brasileiro, o produto de procedência platina tornou-se pouco competitivo no mercado nacional. Mas, também, detentores de uma produção, cujo destino seria o mercado brasileiro, os orizicultores menos preparados para realizarem uma armazenagem adequada e com os riscos da perda da qualidade do produto quando não devidamente armazenado preferiram vender a produção por preços infinitamente menores do que aqueles esperados quando da realização do plantio.

Para a safra 2000, embora com uma pequena redução na produção tanto no Brasil como nos países vizinhos do Prata, no momento em que era esperada a recuperação interna da cotação do produto para a comercialização da safra, o que ocorreu foi a queda dos preços, atingindo, no mês de maio do corrente ano, o seu valor mais baixo, R\$ 11,30 por saca de 50kg.

Toda essa situação levou a uma série de manifestações de protesto dos orizicultores gaúchos, como uma tentativa desesperada de recuperar os preços do arroz. Representantes da classe produtora chegaram a afirmar que o custo do cultivo do arroz está tão elevado e o produto com cotações tão aviltadas que atualmente eles estão pagando para produzir.

É difícil avaliar se esta é efetivamente a realidade do setor, porém, com base em informações da Tabela 4, onde estão arrolados alguns insumos básicos para a realização da produção, podemos observar que, em maio de 2000, os produtores demandavam muito mais sacas de arroz para adquirir uma tonelada de adubo, um trator, etc. do que em maio de 1999. Verificando-se, por exemplo, o valor de mercado de um trator: em maio do ano passado, eram necessárias 1.985,12 sacas de arroz para atingir o seu valor de mercado, já em maio deste ano o número de sacas correspondentes ao valor do mesmo trator passou para 2.517,57, o que realmente demonstra uma redução no poder de compra do orizicultor gaúcho.

Soja

As previsões iniciais da demanda mundial de soja para o ano corrente não foram muito otimistas, apontando para um crescimento modesto. Mesmo em um período de crise da economia mundial — que se estende desde 1997 —, o consumo dessa oleaginosa sempre se manteve ascendente, embora a taxas infinitamente inferiores às alcançadas em períodos de crescimento econômico. A retração no consumo internacional iniciou-se com a crise asiática, cujos países de alta densidade populacional asseguraram a demanda mundial em ascensão.

Nos dois últimos anos, a dinâmica da economia mundial foi sustentada pela Europa e pelos EUA, que têm vivenciado um período de prosperidade. O importante agora é a retomada do crescimento da economia dos países emergentes prevista para este ano, o que viria amenizar a conjuntura internacional vigente, que se caracteriza por safras abundantes com retração do consumo. Essa conjuntura configurou a situação dos estoques mundiais ao longo dos anos 90, que passaram por dois extremos, isto é, o menor volume estocado em 1996/97 e um recorde em 1998/99. Essa situação refletiu-se diretamente na cotação do produto, que só voltará a patamares mais elevados quando os estoques se reequilibrarem pelo ajuste entre a oferta e a demanda.

A produção brasileira apresentou um incremento de 2,2% em uma área 3,8% superior, com uma queda na produtividade de 1,5%. O Rio Grande do Sul, com uma participação de aproximadamente 15% na produção nacional dessa oleaginosa, apresentou um crescimento de 7,4% em uma superfície menor que a utilizada na safra anterior, mas com uma produtividade 9,0% superior.

Tabela 3

Produtividade das principais lavouras de grãos no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1999/00

PRINCIPAIS PRODUTOS	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Produtividade (kg/ha)		Variação % (B/A)	Produtividade (kg/ha)		Variação % (B/A)
	1998/99 (A)	1999/00 (B)		1998/99 (A)	1999/00 (B)	
Arroz (em casca)	3 092	3 128	1,2	5 689	5 202	-8,6
Feijão (em grão - total)	691	739	6,8	804	806	0,3
Milho (em grão - total)	2 768	2 891	4,5	2 422	2 585	6,8
Soja (em grão)	2 375	2 339	-1,5	1 459	1 591	9,0

FONTE: LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1999/2000). Rio de Janeiro : IBGE, dez./mar.-maio.

A comercialização da atual safra vem se realizando de maneira lenta e cautelosa, na expectativa de uma melhor remuneração para o produto. Historicamente, no mês de maio, já estava comprometido algo em torno de 65% da safra, porém, neste ano, o percentual ficou aquém da média. Por vários motivos, se comparada à safra 1998/99, esta vem apresentando um comportamento bem diferenciado; dentre eles, pode-se arrolar: baixas cotações no mercado internacional, lentidão das exportações — pelo maior controle de qualidade —, expectativa de que problemas climáticos afetem a próxima safra dos EUA e, principalmente, maior capitalização do produtor, que permite que o mesmo realize suas vendas de forma escalonada, o que é favorável para o aumento da remuneração.

O produtor que teve “fôlego” para escalonar suas vendas foi compensado pela elevação dos preços. Nos primeiros meses de comercialização o produtor estava recebendo por saca um valor ao redor de R\$ 14,00, entretanto aqueles que realizaram suas vendas nos três últimos meses do ano obtiveram uma cotação aproximadamente 35% superior. Por terem sido favorecidos por preços compensadores, os sojicultores tiveram um aumento significativo em sua relação de troca no mês de maio do corrente ano em relação ao ano anterior, conforme se pode visualizar na Tabela 4.

Milho

As primeiras estimativas para o plantio da safra 1999/00 de milho no Brasil apontavam para um incremento na área a ser plantada em detrimento da cultura de soja, mas as previsões de alta da soja reverteram essas expectativas. A colheita nacional de milho na atual safra registrou um decréscimo de 3,4% em uma área 7,5% menor. A produção nacional só não foi menor porque registrou um ganho de produtividade 4,5% superior à do ano anterior, ao se confirmar a produção de 31,5 milhões de toneladas. Segundo estimativas da Secretaria de Política Agrícola, o Brasil dispõe de um estoque de aproximadamente 194 mil toneladas, que, somado à produção deste ano, atingirá uma disponibilidade interna de quase 32 milhões de toneladas, insuficiente para atender a uma demanda em torno de 35 milhões toneladas.

No primeiro trimestre do ano, o País já começou a importação do produto para assegurar o consumo interno. Sabia-se que importações deveriam ocorrer, mas não o quanto seria necessário importar, ainda havia expectativas no mercado em relação ao volume a ser disponibilizado na “safrinha”, que poderia amenizar o diferencial entre a oferta e a demanda interna. Mas tal expectativa foi frustrada pelas perdas ocorridas nessa produção em virtude de problemas climáticos, o que resultou na necessidade de uma importação de cerca de 3 milhões de toneladas para assegurar o consumo.

Segundo levantamento realizado pela Emater, o preço médio recebido pelos agricultores no RS, no mês de abril, foi o menor já praticado desde o início deste ano, ou seja, R\$ 10,99 por saca de 60kg. Até o presente momento, o volume de milho negociado no Estado é baixo, pois, sabedores do déficit desse grão para o abastecimento do mercado interno, os agricultores estão retendo o produto no aguardo de preços mais elevados. A comercialização do milho deverá ocorrer de maneira lenta: de um lado, está o produtor esperando uma melhor remuneração e, de outro, estão os compradores aguardando a hora de entrar no mercado; o fim desse jogo de esperas será definido pelo grau de capitalização do produtor. Por quanto tempo eles poderão arcar com os custos de estocagem e ainda saldarem seus compromissos?

Como foi dito, as importações vinham ocorrendo desde o início deste ano, mas agora estão um pouco menos aceleradas em razão dos custos dessa internalização. Praticamente existe hoje um balizador de quanto buscar no mercado externo, resta decidir de quem e a quanto. Sabe-se que a Argentina elevou o volume de milho a ser destinado à exportação a patamares suficientes para atender à demanda brasileira e que a safra americana vem se realizando sem grandes percalços. Vale aqui considerar uma estimativa realizada pela revista

Safras & Mercados no início de junho de 2000: a importação de milho, no esquema de *drawback*, proveniente dos EUA e da Argentina teria um custo líquido, por saca, de R\$ 14,62 e R\$ 14,07, respectivamente, enquanto o preço interno FOB sem ICMS está na casa dos R\$ 11,50, portanto, inferior ao importado em um intervalo entre 18% e 21%, dependendo do país de origem (Milho, 2000).

Além desse diferencial de preços, um fato novo vem dificultar as importações desse grão: é a indefinição quanto ao uso dos transgênicos. Hoje, internacionalmente, têm-se duas posições bem definidas: os EUA e a Argentina com total liberalização para uso e consumo e a Europa e o Japão que, em seu discurso, vetam seu mercado consumidor para o uso dessas sementes geneticamente modificadas. No Brasil, foi proibido o seu cultivo, entretanto essa proibição está gerando uma situação, no mínimo, confusa quanto à entrada dos produtos oriundos de sementes modificadas, pois, até o presente momento, o País não dispõe de nenhuma legislação que impeça a entrada desses produtos. Portanto, se faz necessária, o mais breve possível, uma tomada de decisão por parte dos órgãos competentes para evitar problemas no momento de desembarque do milho oriundo de países que têm o uso dos transgênicos completamente liberados.

Trigo

Durante o segundo trimestre do ano, os produtores devem definir se plantam e o quanto plantam desse cereal para a safra do ano em curso com a disponibilização dos contratos de opção que garantem a compra do produto por R\$ 213,00 a tonelada, caso o preço do produto no momento de comercialização esteja abaixo do mínimo oficial, numa tentativa — desta vez concreta — de aumentar a produção nacional e diminuir a dependência externa. Tradicionalmente, o Brasil recorre aos demais países produtores, principalmente à Argentina, para assegurar a demanda interna de trigo, que atinge um volume de mais ou menos 8,5 milhões de toneladas.²

Na última safra, a produção brasileira desse cereal foi de 2,4 milhões de toneladas, o que não representa um terço do consumo nacional. Para a atual safra, o Governo espera, com a garantia dos preços, uma contrapartida positiva dos triticultores, que resulte em aumento da área cultivada. Já se fala em uma produção na casa de 3,0 milhões de toneladas,³ que representará um incremento de 22% da área, se mantida a produtividade de 1,9 kg/ha realizada na safra anterior.

² <http://www.redeagro.tche.br/FECOTRIGO/informativo/trigo51htm> (16.06.00).

³ <http://www.redeagro.tche.br/FECOTRIGO/informativo/trigo50htm> (16.06.00).

Para o Estado, um primeiro levantamento do Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias (GECEA) de maio do corrente ano apontava para uma área a ser plantada de 447,8 mil hectares, algo em torno de 13% superior à de 1999, mas, segundo estimativas mais atualizadas da Federação das Cooperativas Agropecuárias do RS Ltda. (Fecoagro), essa previsão pode ser ainda superior e talvez atinja os 513 mil hectares (Gaúchos..., 2000). Se concretizado esse incremento na superfície a ser ocupada com o cultivo do trigo e mantida a produtividade de 1,8 kg/ha obtida na safra anterior, o Estado realizará uma produção de 923,4 mil toneladas.

Feijão

A produção nacional de feijão para a safra 1999/00 é da ordem de 2,4 milhões de toneladas, 16,0% inferior à da safra anterior. Problemas climáticos afetaram diretamente essa cultura, com uma redução na área colhida de 21,4%. É importante ressaltar-se que essa produção só não foi menor devido ao incremento da produtividade, que foi de 6,8%. No Rio Grande do Sul, a produção foi de 146,9 mil toneladas, tanto a produção como a área colhida no Estado apresentaram uma redução superior a aproximadamente 7,0%.

Levantamento realizado pela Emater indica que, durante o mês de março, os preços do feijão no Estado apresentaram o seu nível mais baixo de R\$ 22,22. Pode-se constatar, ao longo da análise aqui realizada, que esse achatamento nos preços vem ocorrendo com a maioria dos grãos em todo o País e está não só descapitalizando como desestimulando o produtor rural. Embora o Ministério da Agricultura tenha se utilizado das Aquisições do Governo Federal (AGF) numa tentativa de equilibrar os preços, a cotação do feijão no mercado está inferior ao valor do preço mínimo estabelecido pelo Governo, que é de R\$ 28,00 por saca de 60kg.

Cálculos realizados pela Conab indicam um consumo nacional de feijão da ordem de 3,0 milhões de toneladas anuais; portanto, com base nas estimativas do IBGE, tem-se uma oferta nacional inferior à demanda em 600 mil toneladas. Esse desequilíbrio entre a demanda e a oferta certamente elevará as cotações do produto a patamares mais compatíveis com as expectativas do agricultor.

Tabela 4

Poder de compra dos produtores de arroz, soja, milho e trigo do Rio Grande do Sul — 1998/00

DISCRIMINAÇÃO	1998		1999		MAIO/00
	Maio	Nov.	Maio	Nov.	
Arroz					
Número sacas/t de adubo 52020	17,51	14,56	29,64	29,85	34,76
Número sacas/trator (50 a 69 hp)	1 509,85	1 297,46	1 866,64	1 985,12	2 517,57
Número sacas/t de calcário	1,50	1,24	1,79	1,96	2,52
Número sacas/t de uréia	15,81	12,40	21,67	22,76	28,22
Número sacas/t de cloreto de potássio	17,08	14,35	28,56	32,41	38,97
Número sacas/t de superfosfato sim	13,86	12,06	19,74	21,60	23,38
Soja					
Número sacas/t de adubo 02020	18,78	19,89	24,56	20,37	20,56
Número sacas/trator (50 a 69 hp)	1 779,90	1 909,96	1 821,77	1 455,27	1 578,72
Número sacas/t de calcário	1,77	1,82	1,75	1,44	1,58
Numero sacas/t de uréia	18,64	18,25	21,15	16,69	17,70
Número sacas/t de cloreto de potássio	20,13	21,12	27,87	23,76	24,44
Número sacas/t de superfosfato sim	16,34	17,75	19,27	15,83	14,66
Milho					
Número sacas/t de adubo 53015	37,54	35,00	50,78	39,69	38,37
Número sacas/trator (50 a 69 hp)	2 911,98	2 801,71	2 839,93	2 398,61	2 526,52
Número sacas/t de calcário	2,90	2,68	2,73	2,37	2,52
Número sacas/t de uréia	30,50	26,78	32,97	27,51	28,32
Número sacas/t de cloreto de potássio	32,93	30,99	43,45	39,16	39,11
Número sacas/t de superfosfato sim	26,73	26,04	30,04	26,09	23,47
Trigo					
Número sacas/t de adubo 52525	34,50	32,97	37,70	39,13	34,77
Número sacas/trator (50 a 69 hp)	2 813,32	2 692,90	2 221,52	2 337,99	2 412,94
Número sacas/t de calcário	2,80	2,57	2,13	2,31	2,41
Número sacas/t de uréia	29,46	25,74	25,79	26,81	27,05
Número sacas/t de cloreto de potássio	31,82	29,78	33,99	38,17	37,35
Número sacas/t de superfosfato sim	25,83	25,03	23,50	25,43	22,41

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PREÇOS PAGOS E RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES NO RIO GRANDE DO SUL (1998/2000). Porto Alegre : EMATER.

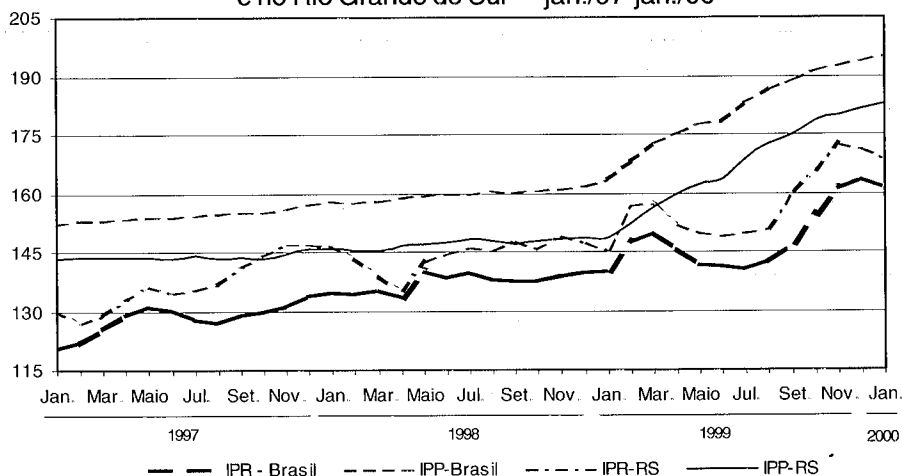
NOTA: O poder de compra refere-se a quantas sacas de arroz, soja, milho ou trigo são necessárias para adquirir uma tonelada de adubo, um trator, etc.

Comportamento do índice de preços recebidos (IPR) versus índice de preços pagos (IPP)

Analisando-se comparativamente o IPR com o IPP pelos agricultores, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), pode-se observar, no Gráfico 1, que, durante o período de janeiro de 1997 a janeiro do ano em curso, salvo raras exceções, o IPP foi sempre superior ou, em alguns pontos, muito próximo ao IPR. Essa disparidade entre esses dois indicadores torna-se bem mais acentuada a partir do mês de maio de 1999. Como grande parte dos insumos utilizados pelos agricultores, nas diferentes fases de desenvolvimento, tem os seus preços atrelados ao dólar e os preços recebidos pelos produtores nacionais, de uma maneira geral, estão baixos, conseqüentemente, está havendo uma descapitalização do agricultor. É importante ressaltar que, fazendo-se essa mesma comparação para o Brasil, se observa que o *gap* entre essa relação é sempre muito maior para o País do que para o Rio Grande do Sul. Portanto, o produtor gaúcho está perdendo, porém menos que os demais.

Gráfico 1

Evolução do IPR e do IPP pelos produtores no Brasil
e no Rio Grande do Sul — jan./97-jan./00



FONTE: CONJUNTURA ECONÔMICA (1999/2000) - Rio de Janeiro : FGV.

NOTA: Base ago./94 = 100.

Bibliografia

- CONAB anuncia primeira safra de 1.304mil/t. feijão (2000). CONAB [on-line] Disponível na Internet via [WWW.Url:http://www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br) Arquivo capturado em 28 fev.
- FÜRSTENAU, Vivian (1998). Ano real e os preços agrícolas. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26 n.3
- FÜRSTENAU, Vivian (2.000). Alguns aspectos do comportamento da agricultura brasileira e da gaúcha na década de 90. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.27 n.4.
- GAÚCHOS investem no plantio de trigo (2000). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.B-20, 20 jun.
- MILHO (2000). Safras & Mercado [on-line] Disponível na Internet via [WWW.Url:http://www.safras.com.br](http://www.safras.com.br) Arquivo capturado em 12 jun.
- SAMPAIO, Maria Helena (1998). 1998: El Niño beneficia a agricultura gaúcha. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26 n.4.